



T

Racismo e Colonialidade na Série *Them*: Uma Análise Decolonial

Racism and Coloniality in the TV Series Them: A Decolonial Analysis

Sérgio Henrique Rocha Batista

Docente, Instituto Federal de São Paulo, Cubatão, SP, Brasil

Doutorado em Literatura Comparada, Universidade Estadual Paulista

 rocha.sergio@ifsp.edu.br

 <https://orcid.org/0009-0009-4845-5542>

Tarcila dos Santos Ribeiro Santana

Discente, Instituto Federal de São Paulo, Cubatão, SP, Brasil

Graduação em Letras, Instituto Federal de São Paulo

 tarcila.r@aluno.ifsp.edu.br

 <https://orcid.org/0009-0007-9942-5381>

Sofia Mendoza Teixeira

Discente, Instituto Federal de São Paulo, Cubatão, SP, Brasil

Graduação em Letras, Instituto Federal de São Paulo

 sofia.t@aluno.ifsp.edu.br

 <https://orcid.org/0009-0007-7935-677X>



< volume 4 • número 9 (2026) >



COMO CITAR

Batista, S. H. R., Santana, T. S. R., & Teixeira, S. M. (2026). Racismo e Colonialidade na Série *Them*: Uma Análise Decolonial. *Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem*, 4(9), 37-54. <https://doi.org/10.67204/riel.v4i9.2949>

R

RESUMO

Este trabalho analisa e discute o impacto da colonialidade do poder (Quijano, 2000), saber (Maldonado-Torres, 2007) e de gênero (Lugones, 2008) nos personagens da primeira temporada da série "Them", produção audiovisual criada pelo autor estadunidense Little Marvin. Considerando a ambientação da série, a mudança de uma família negra da Carolina do Norte, para um bairro branco de Los Angeles, na década de 50, foram analisadas, por meio dos episódios, não cronologicamente, as violências não só raciais e de gênero, mas também da condição migrante, visto que esta norteia o momento histórico da narrativa, a Grande Migração. Como resultados, tornou-se notável que a desumanização dos corpos racializados é concretizada nos espaços em que os protagonistas da série ocupam e no próprio imaginário deles e dos que os observam, o que mostra a libertação contra a opressão um processo coletivo.



Palavras-chave: Colonialidade, Migração, Preconceito, Racismo.

A

ABSTRACT

This paper analyzes and discusses the impact of the coloniality of power (Quijano, 2000), knowledge (Maldonado-Torres, 2007), and gender (Lugones, 2008) on the characters in the first season of the series "Them," an audiovisual production created by the American author Little Marvin. Considering the series' setting—the relocation of a Black family from North Carolina to a white neighborhood in Los Angeles in the 1950s—the violence experienced through the episodes, not chronologically, is not only racial and gender-based, but also inherent to the migrant condition, as this condition guides the historical moment of the narrative: the Great Migration. The results show that the dehumanization of racialized bodies is concretized in the spaces occupied by the series' protagonists and in their own imagination and that of those who observe them, demonstrating that liberation from oppression is a collective process.



Keywords: Coloniality, Migration, Prejudice, Racism.

Introdução

Partindo de um contato mais intenso com textos de estudos decoloniais nas aulas de Decolonialidade, Linguagem e Educação, no curso de Letras, com autores como Aníbal Quijano e María Lugones, ampliamos nosso repertório de referências na área, o que modificou nosso olhar para muitas estruturas sociais antes não problematizadas e nos fez enxergar resquícios da colonialidade em diversos contextos do nosso cotidiano como em situações vivenciadas diariamente, e também encenadas em produções audiovisuais.

Inicialmente, uma das pesquisadoras, escolheu para sua Produção Audiovisual (PAV) (Santana, 2025), que é o produto final da antidisciplina *Decolonialidade, Linguagem e Educação* (DELE) e solicita que os discentes discutam os temas aprendidos durante as aulas, realizar uma análise fílmica audiovisual sobre traços de colonialidade encontrados dentro da narrativa, de uma série assistida despreziosamente, sem o fim de gerar uma publicação acadêmica. A partir do retorno dado pelo docente que ministra o componente foi suscitado o anseio de produzir um artigo sobre o tema, o que foi acatado.

Escolhemos, a série “Them” da “Amazon Prime Video” como objeto de análise por termos conseguido identificar temáticas muito pertinentes aos referenciais teóricos previamente estudados, de maneira que os assuntos foram se conectando fluidamente. Assim, o processo de análise iniciou-se a partir de leituras e a realização de fichamentos, em primeiro momento, somente sobre os referenciais teóricos dessa análise, a fim de aprofundar o entendimento sobre eles e arquivar citações que nos chamaram atenção, e em segundo momento, relacionando-os ao enredo da série de forma não cronológica, seguindo o simbolismo dos personagens da família Emory, presentes durante os 10 episódios da série, estes que depois de termos assistido, comentamos muito sobre, a fim de alinhar o viés analítico-descritivo que seria seguido nesta análise.

Por fim, vale ressaltar que por meio da percepção individual de cada pesquisadora sobre a série e nossas conversas em dupla, e por vezes coletivas, comentando sobre o enredo da série com pessoas de nosso convívio no ambiente acadêmico, as reflexões nos levaram para um percurso de escrita da análise que valorizou sobretudo a estrutura narrativa da série, isto é, os principais acontecimentos do enredo, ligando eles aos estudos decoloniais.

Introdução à Série

A primeira temporada da série de TV “Them” (2021), acompanha a trajetória da família Emory, composta por Lucky, Henry e as filhas Ruby e Gracie Jean, que migra da região sul para a costa leste dos Estados Unidos. A série é ambientada nos anos 1950, quando a família Emory, como tantas outras nesse período, se mudam dos estados sulistas, onde leis segregacionistas, conhecidas como leis *Jim Crow*, eram amplamente disseminadas; eles vão em busca de melhores condições de vida no norte do país, na região emergente da Califórnia, com a promessa de encontrar paz e refúgio.

No entanto, quando chegam na nova casa no bairro de Compton, o sonho de enfim encontrar um lar seguro e pacífico se esvai à medida que percebem o olhar suspeito dos vizinhos. A vizinhança é majoritariamente branca, preconceituosa e extremamente territorialista, e imediatamente começam a protestar contra a permanência da família negra no bairro. Em decorrência da origem do bairro, habitado por antepassados brancos desde o período colonial, os moradores atuais, seus descendentes, tendem a se assegurar na apropriação territorial baseada nos anos de colonização. Logo, a partir desta visão conservadora, aceitar a chegada e permanência igualitária de novos moradores racializados seria uma desvalorização dos anos de dominação que os seus ancestrais impuseram. Os moradores de Compton defendem o *status quo* porque “o bairro sempre foi habitado pelos antepassados brancos”, e se asseguram na apropriação territorial baseado nos anos de colonização, na concepção deles, aceitar a permanência igualitária de moradores racializados seria uma desvalorização dos anos de dominação que os seus ancestrais impuseram pela colonização. Os vizinhos então começam a orquestrar protestos hostis que culminam no enlouquecimento dos Emorys ao decorrer da série.

Cada membro da família processa os dilemas de forma singular e lidam com os próprios conflitos individuais e as experiências anteriores de preconceito enquanto enfrentam a hostilidade dos vizinhos. Com isso, ao longo da narrativa os personagens, que de início aparentavam ser unidos e felizes, se tornam cada vez mais imersos em suas próprias frustrações e dilemas internos.

A série se desenrola enquanto os personagens principais, os Emory, estão passando por um processo de adoecimento simbólico, no qual eles estão sendo atormentados, tanto psicológica quanto fisicamente, por demônios que representam diferentes aspectos da colonialidade. Cada personagem confronta uma entidade diferente, de acordo com a percepção individual diante das experiências de agressões que os aflige. Esses demônios tem como objetivo desintegrar a família e fazê-los acreditar que estão isolados, que as violências que sofrem são individuais e não estruturais. Nesta análise, discutiremos a relação da colonialidade na construção identitária dos sujeitos, tendo em vista que ela se materializa através da subalternização de corpos e imaginários para se estabelecer.

Por meio da exposição de uma realidade muitas vezes mascarada, a herança da colonização na estrutura social contemporânea, as violências estruturais, o preconceito, a série põe em foco como a subjetividade de milhares de pessoas são diretamente afetadas. A partir dessa leitura, é oferecido aos espectadores uma oportunidade valiosa para explorar de maneira aprofundada os diferentes aspectos da colonialidade, do racismo e a intersecção de violências na trajetória dos personagens. Essa associação é importante para compreender como o sistema que controla a sociedade e as relações sociais está diretamente ligado à colonialidade, e como os indivíduos são afetados internamente por esse esquema de controle hegemônico que se esconde sob camadas superficiais.

Assim como ocorreu com a família retratada na série, os fluxos migratórios da época representam a Grande Migração, movimento que levou milhares de afro-americanos do sul dos Estados Unidos para o norte e o oeste, entre 1919 e 1970, ele foi impulsionado pela busca de melhores condições em um cenário de economia precária e segregação racial. Em “Estranhos à

nossa porta”, Bauman evidencia que a “busca da chance de um padrão de vida decente” é fator inerente à experiência migrante em uma forma ampla. Apesar desse ponto em comum entre os migrantes, a migração possui diversas nuances que não merecem ser homogeneizadas como um bloco só, no caso da população afro-americana migrada as questões para além da xenofobia englobam o racismo.

Evidencia-se, portanto, que a história dessa família não constitui um caso isolado, mas revela ramificações provindas de uma mesma raiz: a colonialidade. A normalização das estruturas de dominação colonial acarreta a inferiorização de grupos historicamente minorizados como forma de manter em funcionamento as engrenagens da opressão colonial. A reprodução mecânica da colonialidade encontra-se intrinsecamente ligada à estrutura social vigente, que atua no sentido de perpetuar hierarquias (Quijano, 2000). De modo semelhante, os moradores de Compton recorrem à violência para defender o *status quo* de uma vizinhança racialmente branca, sob a alegação de que aquele território pertenceria a seus ancestrais, ao mesmo tempo em que ignoram a importância da mão de obra negra na construção histórica do país. Essa reprodução deliberada e inconsistente das estruturas coloniais é o que Quijano (2000) conceituou de colonialidade do poder, que prolifera a dominação colonial há séculos.

Apesar da série ser retratada já no cenário do século XX, há uma grande digressão no episódio 9 que remete ao século XIX e mostra as origens da colonialidade e do recorrente ódio despejado sobre a população afrodescendente até a atualidade, o que revela o processo de escravização¹ contínuo à que elas são submetidas. Neste episódio, chamado “Pacto”, nós, telespectadores somos transportados para conhecer a história do personagem Hiriam Epps, que é apresentado como membro de uma comunidade religiosa, chamada Eidolon², que convive junta em um espaço rural. No início da narrativa, um casal, uma mulher negra grávida e um homem negro, aparece nesse cenário com sua carroça que quebrou no caminho. Nesse momento, ao se encontrarem com Epps, que eles se encontram em uma relação entre hóspedes e anfitrião (Derrida, 2003), de início há uma tentativa de acolhimento mas, a hos(ti)pitalidade (Sá, 2023) impera.

A partir do que Derrida define como hospitalidade é notável que sua existência parte sempre de normas e adequações colocadas para o hóspede seguir, dessa forma há uma tensão inerente entre o acolhimento e o exercício do poder. Assim, o que até então era para ser “acolhimento” transforma-se em agressão aos hóspedes. Essa temática permeia a complexidade das questões migratórias de modo geral, e sob a ótica deste referencial demonstra como o anfitrião, ao abrir seu espaço, reafirma sua soberania e controle sobre o “outro” por meio de sua ipseidade e do acolhimento condicional.

Eles passam dias na comunidade como hóspedes até que ao cobrarem que a carroça fosse consertada para eles irem embora, a comunidade decide que colocá-los para trabalhar à serviço da comunidade e sem pagamento é uma boa ideia e por meio da religião eles conectam diversas justificativas de que esse ato é divinamente justificado. É a partir dessa situação de

¹ Entende-se o termo como uma ação em curso, um processo verbal (Sá & Magalhães, 2022, p. 24).

² Termo originário do grego que remete à existência de uma imagem ou representação de ideia e também pode ser entendido como fantasma ou aparição.

busca por poder que Epps chega a ações cada vez mais violentas e trágicas até nos últimos momentos de sua vida realizar um pacto de continuar a perseguir outras famílias negras.

Teorização

Nesta seção discorreremos sobre o arcabouço teórico utilizado para a concomitante análise das personagens e do contexto do enredo da série. Nos baseamos em autores decoloniais (Quijano, 2000; Maldonado-Torres, 2007; Lugones, 2008, 2011; e outros); sobre relações de opressão (Fanon, 1968, 2020; hooks, 1981; Freire, 1987) e sobre migração (Derrida, 2003; Bauman, 2017; Sá, 2023).

Colonialidade do Poder

A atual relação de poder do sistema-mundo, que subdivide as relações globais entre privilégios e opressões é herança do período de invasão e colonização europeia nas Américas. Aí foi estabelecida uma nova estrutura de dominação tendo a ideia de raça, até então significando apenas linhagem mas passando a designar divisões atávicas da humanidade, como princípio organizador no controle de trabalho e exploração dos povos não-europeus.

A criação da ideia de “raça” funcionou como um instrumento ideológico para sustentar a hierarquia colonial e justificar as violências e a exploração. A racionalidade científica eurocêntrica foi deturpadamente articulada para defender uma suposta diferença evolutiva humana hierárquica e linear, para, assim, classificar os povos de todo o mundo entre mais ou menos humanos, mais ou menos evoluídos; intencionalmente colocava a Europa como referência privilegiada de humanidade. E a partir desse princípio, a raça determinava qual função os grupos exerceriam na distribuição dos trabalhos, as piores funções eram designadas as raças consideradas primitivas na evolução biológica, enquanto os colonizadores europeus exerciam cargos de dominação. Evidentemente, o trabalho não era apenas uma forma de exploração econômica, era também um aparelho central de opressão e manutenção do poder colonial, que matou milhares de pessoas, que foram submetidas a trabalhos desumanizados e exaustivos até a morte.

Mesmo após o fim formal do sistema colonial, a opressão de grupos não-europeus perdura, mas agora reestruturada de forma que sua reprodução é naturalizada. A colonialidade está enraizada no imaginário social, nos saberes validados, nas instituições e nas relações sociais como um “poder invisível”, isto é, difuso e não percebido imediatamente como dominação, que atravessa os sujeitos em todos os âmbitos da sociedade. Essa estrutura moderna de opressão foi conceituada por Quijano (2000) como colonialidade do poder.

A colonialidade do poder está automatizada, sustentada por saberes universais e neutros, e dita a maneira como o mundo organiza o controle do trabalho, da autoridade, da produção de saberes e da subjetividade. Embora a colonização tenha sido um processo histórico iniciado há séculos, a matriz global contemporânea ainda está fundada nessa estrutura, que universaliza os padrões eurocêntrico enquanto os países colonizados são

posicionados as margens, os quais ainda disputam o prestígio de suas próprias culturas, saberes e subjetividades.

Colonialidade do Ser e do Saber

A colonialidade não atinge somente as áreas econômicas e políticas, ela preserva sua posição através da própria existência humana. A negação da humanidade e das criações intelectuais e culturais dos povos dominados foi crucial para que os colonizadores estabelecessem uma classificação hierárquica, que objetifica os colonizados e sustenta o sistema de dominação. Desde então, os povos não europeus passaram a ser caracterizados de forma desumanizada, sendo lhes negada suas próprias individualidades, suas formas de produzir conhecimento e de se relacionar em sociedade, produzindo feridas ontológicas que subdividem aqueles que são permitidos pertencer à categoria de existência humana e os “outros”, aos quais se nega o reconhecimento de sua existência plena. (Maldonado-Torres, 2007).

Como disse Fanon (2020), a opressão colonial, que rebaixa os colonizados à categoria de “besta de carga”, gera revolta interna nos sujeitos oprimidos. O sentimento angustiante de revolta corrói o colonizado, que reconhece que jamais será possível retribuir proporcionalmente todas as violências a que é submetido. Ingressar na lógica colonial significa, para os condenados da terra, aceitar os discursos que negam a vida daqueles que fogem dos padrões eurocêntricos. Fanon defende que a única maneira do colonizado libertar-se é por meio da expressão da sua raiva contra que lhe nega o direito à vida. Pois aqueles que pertencem a categoria do “não-ser” podem se tornar uma ameaça para si próprios, uma vez que não enxergam caminhos para uma existência plena.

Maldonado Torres (2007) propõe um combate direto a ontologia europeia do ser, buscando elucidar as violências que as raízes coloniais deixaram na constituição do ser. A superação da colonialidade só será possível por meio do desvelamento das violências, dando voz aos homens e mulheres que passaram pela experiência de invisibilização e sentiram, em seus próprios corpos, a dor produzida pela lógica colonial.

Colonialidade de Gênero

De acordo com Lugones (2008) a divisão binária de gêneros foi uma das invenções coloniais formuladas com o propósito de fortalecer a hierarquia racial e consolidar a dinâmica de desumanização dos povos explorados. Sob a perspectiva eurocêntrica, apenas os homens brancos, europeus e burgueses eram reconhecidos como verdadeiramente humanos, enquanto as mulheres europeias eram caracterizadas como humanos inferiores, submissas ao homem europeu. A colonialidade de gênero funcionou como uma maneira de exclusão dos povos dominados à humanização, ou seja, negando-lhes o pertencimento às categorias de homem ou mulher.

Os homens e mulheres racializados passaram a ser vistos como animais na perspectiva colonial. Aos homens colonizados foi designado o papel de inferioridade por não

pertencerem ao estereótipo de homem branco europeu, com isso a inferiorização dos homens dominados foi feita a partir de uma passividade imposta a eles. Estavam então, em uma categoria abaixo dos homens brancos europeus, das mulheres europeias, mas acima das mulheres racializadas. (Lugones, 2008).

Enquanto isso, as mulheres não europeias passaram por uma dupla inferiorização durante a colonização. Os papéis sociais pré-coloniais não possuíam uma divisão binária de gênero, muito menos a organização hierárquica de dominação. Com a invasão dos colonizadores e a imposição do novo padrão de poder colonial, que buscou classificar as pessoas para facilitar a exploração, as mulheres dominadas passaram a ser inferiorizadas por não serem homens e por não serem mulheres europeias (Lugones, 2008).

Como esclarece Lugones (2008), as mulheres não-brancas passaram assim a serem tratadas de forma animalésca, sem gênero, como fêmeas, impedidas de qualquer tipo de humanidade ou feminilidade. Além dos colonizadores, os homens colonizados também internalizaram e reproduziram o papel de dominação sobre as mulheres colonizadas. Aos olhos dos colonizadores, passaram a serem vistas como corpos vazios, sem direito ao tratamento respeitoso cristão que possuíam com as mulheres brancas. Assim, as mulheres africanas e indígenas passaram a pertencer à uma categoria de sub-humanas, objetos que suportam todos os tipos de agressões, que poderiam ter seus corpos sexualizados e explorados, suportam qualquer tipo de trabalho. Tudo isso sem nenhum amparo, as mulheres colonizadas passaram a sofrer sozinhas sem nenhum tipo de suporte.

Racismo nos Estados Unidos da América e a Condição Migrante

A história dos Estados Unidos da América foi marcada por séculos de escravidão e, mesmo após a abolição do sistema escravista, as poucas tentativas de restituir aos homens e mulheres escravizados algum tipo de dignidade social foram sabotadas pela elite branca, especialmente a sulista. Em seu livro “Ain’t I a Woman”, bell hooks (1981) discorre sobre a experiência da mulher negra estadunidense e como racismo e sexismo atuam de forma conjunta como instrumentos de manutenção da supremacia branca. Na ordem patriarcal são definidos papéis sociais para cada gênero: o feminino é associado ao cuidado do lar e à submissão ao homem, enquanto o papel masculino é visto como provedor e protetor da família. Essas definições foram aceitas pela população negra escravizada, no entanto, foram impedidos de exercer plenamente esses papéis.

Durante a escravidão, as mulheres negras foram tratadas como não-humanos, por isso, fora da categoria do feminino, e submetidas a todos os tipos de trabalho braçal, serviços e a exploração sexual. Desde então, passaram a ser associadas aos estereótipos de “super-resistentes”, “imorais” e “sexualmente depravadas”, todas essas definições herdadas do sistema escravista e ferramentas sociais que culpabilizam a vítima pelas violências sofridas. Mesmo tentando se afastar desses estereótipos, copiando os comportamentos das mulheres brancas, as mulheres negras continuaram a ser tratadas com hostilidade por homens e mulheres brancos.

Aos homens racializados a manutenção do patriarcado serviu como um prêmio de consolação, uma vez que isso significava assumir uma posição de superioridade em relação às

mulheres negras. Porém, a raça se tornou um empecilho para que os homens negros se tornassem provedores de suas famílias. Apesar de serem trabalhadores competentes, os frutos de seu trabalho eram apropriados pelos brancos, o que gerou sentimento de revolta e impotência diante da impossibilidade de exercerem plenamente o papel masculino (hooks, 1981). Diante desse cenário, as mulheres negras passaram a ter participação ativa na renda familiar, que, na ótica racista dos colonizadores brancos, foi interpretado como a causa da dissolução das famílias negras.

A desmoralização organizada da mulher negra representou um combate aos avanços sociais que a população negra conseguiu após a abolição. Como resposta a ascensão social dessa população, a supremacia branca, para manter sua posição, criou as leis “Jiw Crow”, um sistema de leis sociais que mantinha a separação racial, notariando o racismo na letra da lei. Como se isso não bastasse, o racismo também era incentivado por meio da criação no imaginário social da figura da mulher negra como um ser “maligno” e “sexualmente depravado” e do homem negro como “violador”. Essas acusações falsas funcionaram como um incentivo para agredir as famílias negras, principalmente na região sul dos Estados Unidos (hooks, 1981).

O cenário é semelhante em se tratando da condição migrante já que a aversão ao estrangeiro, xenofobia, vem carregada de estereótipos provenientes do constructo daquilo que compõe o corpo desviante³ e o incômodo dele como um inimigo em potencial (Derrida, 2003). Independente das distâncias que estejam envolvida no processo migratório, seja de um bairro para outro, ou de um continente para outro, a mudança de códigos culturais é de forte impacto na identidade do migrante, que se vê em situação paradoxal, diante das adaptações que é influenciado a seguir a fim de garantir sua sobrevivência como “hóspede”. Em uma sociedade criada para ser controlada por brancos, os negros são perpétuos alienígenas, e tal condição de hóspede indesejado se torna mais dramática quando os negros do Sul dos Estados Unidos migram para comunidades predominantemente brancas.

Programas de TV e o cinema eram utilizados para fortalecer a estrutura de hostilidade racista, (assim como a mídia age ao propagar pânico moral diante de fluxos migratórios diversos (Bauman, 2017)); atores brancos, por exemplo, pintavam suas peles e encenavam comportamentos que remetiam aos estereótipos de pessoas negras, em representações ajudavam a consolidar no imaginário popular a ideia de inferioridade racial. bell hooks (1981) elucida como essas representações caricatas e difamatórias abalam a autoestima e a autoconfiança das pessoas que são alvos dessas representações racistas.

Expostos a essa dicotomia criada em que os brancos são associados ao exemplo de humanidade plena, aos padrões de beleza e inteligência, enquanto os negros são representados como o oposto, os sujeitos negros passam a se perceber como inferiorizados. Na tentativa de se reafirmar como igualmente humanos, acabam por permanecer dentro das imposições racistas, tentando se embranquecer para serem vistos como iguais, o que associa-se muito a vivência

³ No sentido que Grada Kilomba traz em “A política do colonialismo é a política do medo” que criar o ‘outro’, é criar **corpos desviantes** e dizer que eles são assustadores e terríveis e que nós temos que nos defender deles com barreiras, com passaportes e fronteiras”. Entrevista concedida à Pinacoteca de São Paulo por ocasião de sua exposição “Desobediências Poéticas” (2019, s/p, grifo nosso). Disponível em <https://bit.ly/3WxvkJu>

migrante em busca do silenciamento de suas vozes e apagamento de suas raízes a fim de não destoar da “lógica do pensamento dualista ocidental” (Sá, 2023). No entanto, a branquitude se constitui justamente da negação da negritude. Ao perceberem esse esquema que os empurram para as margens e os impedem de encontrar saída para interiorização imposta, e sem conseguir enxergar um outro caminho para continuar se reafirmando, acabam por negar a própria existência (Fanon, 2020).

Lucky e Beth - Colonialidade Oprimindo as Mulheres

A oposição entre as personagens Lucky e Beth funciona como um destaque para as diferenças sociais que cada uma está inserida. As duas casas ficam uma em frente à outra, o que simboliza a oposição entre duas mulheres que são atravessadas por diferentes questões: a primeira, uma mulher negra e a segunda uma mulher branca. Logo quando os Emory chegam em Compton, a vizinha do outro lado da rua, Elizabeth Wendell, é a primeira a se comunicar com eles. Porém, essa proximidade espacial começa a se transformar em motivo de agressões e desentendimentos. Lucky e Beth são duas mulheres que enfrentam dilemas diferentes e possuem visões de mundo distintas, Beth percebe-se favorecida socialmente e por isso reproduz violências que ela mesma está sujeita a sofrer por ser uma mulher. Já Lucky, uma mulher negra, mãe e esposa que precisa encarar o preconceito enquanto tenta cuidar de si e de sua família, de início aparenta ser uma mulher comum e feliz, que consegue lidar com as dificuldades. No entanto, ao longo dos episódios a tensão se torna cada vez maior entre os vizinhos e Lucky mostra seu lado vulnerável.

No episódio 5, a causa da morte do filho caçula, Chester Emory, é exposta: o bebê foi brutalmente assassinado por um grupo racista que praticava ataques contra afro-americanos, motivados pela ideologia de segregação racial. Os agressores estrategicamente esperaram o marido de Lucky, Henry, e as crianças saírem para invadirem a casa e atacar a mulher, que estava sozinha com o bebê Chester. O grupo era composto por dois homens e uma mulher, o qual se apresentou para Lucky com uma música. Em desvantagem, Lucky tentou esconder o filho e entrar em luta corporal contra os invasores, mas foi imobilizada. No chão, sem conseguir reagir, foi sexualmente violentada, e viu Chester ser assassinado de forma cruel: posto dentro de um saco e jogado de um lado para o outro, como na brincadeira “gato no saco”. Ela se debatia e implorava pelo seu filho, mas à medida que o choro ficava mais fraco suas próprias forças também foram se esvaindo. Apesar de ter sobrevivido ao ocorrido, Lucky ficou devastada e inconformada com a destruição familiar causada pelo preconceito, então fez um juramento de nunca mais deixar que alguém de sua família sofresse qualquer tipo de agressão.

Meses após o ocorrido, Lucky estava em luto profundo e não conseguia se recuperar psicologicamente do ocorrido, Henry decide se mudar da casa que foi cenário das agressões que causaram abalo na família, pensando que assim sua esposa voltaria a ser como era antes da agressão. Porém, apenas ela mesma entendia o quão difícil foi passar por aquela experiência hedionda, que deixou sequelas permanentes. Lucky aceitou a mudança para Califórnia e se mostrou animada com a possibilidade de construir uma vida do zero em um lugar que idealizava como um lugar melhor. Entretanto, numa tentativa desesperada de não se distanciar

de seu filho, colocou seus restos mortais dentro de um baú e, sem o conhecimento do resto da família, levou-o consigo até a nova casa e escondeu o cadáver do filho no porão, que também é onde se esconde a entidade que começa a atormentá-la. Por meio dessas situações, é evidente que a construção da personagem Lucky esbarra em diversas questões delicadas como, maternidade, racismo, violência de gênero e psicológica. E todas essas questões estão embutidas no cotidiano de uma mulher comum, isso escancara o quanto a sociedade está ligada a uma estrutura preconceituosa.

Na série, o porão da família Emory se torna o esconderijo do fantasma que se materializa na figura de Epps, um missionário colonizador que tem a missão de destruir todas as famílias negras que habitam a região de Compton. Assim, é possível identificar que ele, o “homem do chapéu preto”, é uma representação simbólica da colonialidade, que se articula em diversas formas para sustentar a estrutura de subalternização e opressão que perpetua o poder colonial através do imaginário e dominação de corpos. Lucky, uma mulher negra, é duplamente inferiorizada nesse sistema, pela intersecção de violências de gênero e de raça, se torna o alvo vulnerável aos tormentos coloniais (Lugones, 2008).

Nesse caso, o próprio porão da casa da família Emory evidencia o racismo estrutural que representa metaforicamente as raízes e alicerces do ambiente, lá é o lugar embrionário de toda violência colonial. Esta que cria também uma relação conflituosa entre pessoas do mesmo gênero, mas de identidades raciais diferentes, pois pela ótica patriarcal que é binária e hierárquica temos categorias que não consideram interseccionalidades, logo o padrão do que é definido como “ser mulher”, e outras questões de gênero são guiadas pelo sistema de gênero colonial da hegemonia branca, dessa forma, o lugar que Lucky ocupa é o de vazio e inumanidade por estar fora da feminilidade burguesa branca (Lugones, 2008).

Como aponta hooks (1981) a figura da mulher negra foi coisificada dentro da cultura estadunidense, constantemente associadas a sexualização e trabalhos exaustivos. Os estereótipos de “Jezebel”⁴ e da “mãe negra” são exemplos do racismo estrutural dentro da cultura popular. Esse esquema é decorrente de anos de dominação colonial, que busca, até os tempos atuais, minorar mulheres, em especial as mulheres racializadas que sempre exerceram papel fundamental na economia e dentro das famílias. A opressão que ocorre com mulheres como Lucky, que exercem diversas funções; no trabalho; em casa e decisões familiares, é uma das formas de manter viva a colonização e o patriarcado.

Nessa mesma perspectiva, a posição da mulher branca não escapa de estereótipos, a elas sendo reservado o lugar de reprodutoras da classe e posição racial e colonial dos homens brancos, mas sem poderem adentrar na esfera de autoridade coletiva, de produção de conhecimento, entre outros espaços reservados exclusivamente aos homens brancos (Lugones, 2008). Na série, a personagem a seguir, ilustra muito desse panorama. Beth Wendell, uma moradora antiga de Compton, tem uma personalidade completamente alinhada com o estereótipo da “mulher branca”; frágil e submissa. Ela não consegue se desvencilhar das

⁴ Lugones, 2008, destrincha esses estereótipos como impulsionadores das violências sexuais cometidas contra as mulheres negras e da exploração dos trabalhos delas como amas de leite.

imposições sociais⁵, permanecendo em um casamento infeliz por não enxergar os novos caminhos fora dos padrões pré estabelecidos. A chegada dos novos vizinhos significou uma quebra de paradigmas para Beth, que impulsionada pela ideia de segregação racial, não imaginava esse avanço social. A presença de Lucky na vizinhança representava um alarme para a liquidez das convenções sociais, e a materialização de uma nova figura de feminilidade que ela não conseguia acompanhar. No entanto, Beth não encarou a realidade com ares amistosos, passando a liderar protestos hostis para expulsar os Emorys do bairro. As manifestações racistas e violentas não foram o bastante para abalar a permanência da nova família na vizinhança, e então o preconceito, que de início é encoberto sob um discurso moralista, e pela suposta manutenção do “status quo”, se desfaz pouco a pouco.

Com muitos objetos simbólicos, a série traz à tona significados variados, como o papel de parede da casa da família Wendell, que representa a camada que oculta as infiltrações, estas que representam, na simbologia, os “podres” da família branca perpassados por ciclos de opressões reprimidas. Pode-se chegar a essa conclusão visto que, desde o início da série há cenas que enfocam muito as paredes, e no episódio 8, Beth passa por um momento de muita fúria em que a mesma além de quebrar alguns de seus móveis, rasga o papel de parede da sala, o que indica a “queda” das máscaras hipócritas do papel social da personagem; entretanto, isso não um fator que gera mudanças positivas em seu comportamento.

Ainda no episódio 8, quando chega no ápice de sua inconformidade, Beth planeja fugir com o personagem George, o entregador de leite. Os dois entram em um acordo para premeditar o assassinato da família Emory, para que assim ela pudesse provar definitivamente seu sentimento de superioridade em relação a eles. Mas George possuía outros planos, pois era obcecado por ela e a enxergava como um objeto de desejo que poderia possuir. George sequestra Beth e a leva para um totem submerso no quintal de sua fazenda a uma distância considerável de Compton. O cativeiro de Beth foi decorado exatamente igual à casa em que ela morava, inclusive com o mesmo papel de parede que ela despedaçou em um momento de fúria. Simbolizando que por mais que ela tentasse resistir às tensões, replicando as, elas sempre se repetem em uma relação cíclica, a única forma de se distanciar realmente desse ciclo é identificar a fonte de infiltração, os fundamentos patriarcais e coloniais, e agir de forma impetuosa para romper esses processos.

Embora assuma um posicionamento favorável à opressão, Beth não escapa das violências estruturais. Diversas cenas da série ilustram a opressão que as mulheres vivenciam na sociedade, até mesmo as mulheres brancas, que são historicamente colocadas em posições mais favoráveis em comparação às mulheres racializadas. Por exemplo, no episódio 6, ao ir sozinha ao banco consultar o saldo da conta em conjunto com o marido, Beth é impedida de ter acesso à informação, por não estar acompanhada de um homem. Apesar de ser uma das titulares da conta, ela só é autorizada a acessar a informação quando diz que o seu pai, uma figura masculina, a pediu para realizar aquela consulta. E então descobre que seu marido havia retirado mais da metade do dinheiro sem ao menos informá-la ou ser questionado sobre a

⁵ Entre elas, o papel familiar como filha que é subjugada pelos pais, principalmente pela figura paterna.

autorização dela, apenas por ser homem. A reação dela diante das tensões é sempre um sorriso forçado e olhar distante, assimilando sua insuficiência diante do patriarcado.

A colonialidade do poder e de gênero operam de maneiras diferentes, porém complementares, para manter as estruturas de opressão diante da sociedade. Enquanto Lucky Emory enfrenta uma desumanização direta e violenta e é empurrada para o lugar do "não-ser" e da loucura como forma de controle, Beth é mantida no lugar da submissão hipócrita, moldada pela submissão internalizada do patriarcado. Dessa forma, a violência colonial é apresentada como um ciclo, Beth replica a opressão, por não conseguir romper com o patriarcado que a sufoca, ela projeta sua frustração contra os Emory, liderando protestos hostis para reafirmar uma superioridade racial que compensa sua insuficiência social.

Ao identificar essas raízes patriarcais e coloniais que as colocam em campos opostos é perceptível que um mesmo sistema de dominação age sobre estas mulheres com o objetivo de imobilizá-las dentro deste ciclo violento. A partir desta identificação é necessário agir de maneira combativa e intencional contra as engrenagens que movem estas violências ciclicamente.

Gracie Emory e Ruby - Colonialidade na Construção da Identidade

Por meio de avanços nos estudos da área das humanidades, torna-se notório que é na infância que acontecem as descobertas de mundo, das convenções sociais e, apesar de representar uma fase lúdica e feliz, também é um período de descobertas cruéis. Logo, a criança observa o mundo com olhar atento e curioso, porém nas interações sociais são introduzidas a minúcias de preconceitos e violências simbólicas que para um adulto podem ser lidas como padrões sociais normalizados. Entretanto, isso molda a forma com que as crianças enxergam os seus papéis sociais e suas subjetividades. Afinal, o período da infância e da adolescência, são fundamentais para a construção da identidade dos indivíduos, por isso, representam fases de vulnerabilização⁶ diante de tensões sociais.

No instante em que esses futuros adultos são condicionados às categorias de raça, gênero, classe entre outros marcadores sociais, passam a enfrentar barreiras que impactam todas as frentes da vida destes indivíduos, por exemplo; em como será sua autoestima e qual profissão seguirá. No contexto da série em questão, a presença das personagens Gracie e Ruby, evidencia a fragilidade dos jovens diante das experiências de preconceito, elas estão em fases diferentes da vida, na infância e na adolescência respectivamente; possuem maneiras diferentes de interpretar as vivências negativas de que são acometidas. Assim, são evidenciadas duas formas diferentes das sequelas do preconceito racial na construção de identidade.

Gracie, por exemplo, passa por um período de transição em sua trajetória escolar devido a migração de sua família, visto que ao iniciar suas aulas é a única garota negra da escola; apesar disso por sua personalidade perspicaz e sensível, torna-se particularmente vulnerável aos horrores que começam a assombrá-la. A entidade que a perturba é conhecida como Srta.

⁶ Entende-se como uma ação em curso, logo usamos como um processo verbal a substantivação desse termo (Sá & Magalhães, 2022, p. 24).

Vera. Inspirada na personagem principal do livro infantil ilustrado que a menina lia, “Miss Vera says”, Vera é ilustrada como uma professora aos moldes da época, esperava obediência absoluta em sala de aula como detentora do conhecimento.

A pedagogia opressora (Freire, 1970), como a de Srta. Vera, influencia o imaginário de Gracie, e é um instrumento de desumanização. Essa relação opressora-oprimida é tão impactante que aos poucos vai minando o desejo de Gracie de se tornar uma professora, tendo sua mãe Lucky como inspiração. Gracie se vê inspirada em sua figura materna pois a relação entre as duas é baseada em muito afeto e confiança, muitas vezes, a menina relatava seus medos para Lucky que, com compreensão, tentava entender o que se passava. Elas têm uma ligação muito forte, tanto que em um momento em que Gracie está na escola para fazer o juramento da bandeira dos Estados Unidos, ato que evoca o nacionalismo ufanista do país, as memórias da mãe dela, bem como Vera atormentam a garota, que fica paralisada repetindo a expressão “gato na saco” que se refere à trágica morte de seu irmão pequeno, Chester.

Essa cena é muito simbólica pois mostra a influência da colonialidade nas pessoas racializadas de forma bem concreta. A opressão de Vera para com Gracie atinge o ser da menina, lhe é negada “suas próprias individualidades, suas formas de produzir conhecimento e de se relacionar em sociedade” (Maldonado-Torres, 2007), isto é, seu reconhecimento de uma existência plena, o que recebido logo na infância acarreta uma série de prejuízos no desenvolvimento emocional, psicológico e social. Por conta do comportamento que Gracie apresenta diante da bandeira em frente a toda sua classe, ela é repreendida pela professora que está na sala de aula e que momentos depois alega à mãe de Gracie que aquela escola não é para meninas como ela, fala que deixa mãe e filha chateadas, mas, ainda mais, cientes de que aquele é somente um dos espaços que as violentam e desprezam no contexto em que vivem.

Assim, como sua irmã, Ruby enfrenta os desafios de estar em uma sala de maioria branca, mas, por outro lado, estando na adolescência, os conflitos são mais enfocados nas questões de identidade. A jovem recém-chegada passa a notar como os estudantes de sua nova escola a esnobam e rejeitam. Nessa situação de exclusão, Ruby permanece isolada, o que cada vez mais se intensifica fazendo com que ela internalize as violências ao invés de questioná-las. Logo, começa a estranhar a si mesma e a sua própria família, tornando-se um holofote para o preconceito dos discentes e funcionários da escola. Baseado nisso, sua autopercepção começa a ser invadida pelo preconceito, que a leva a crer em sua inferiorização como algo legítimo. Os referenciais de beleza expostos a Ruby nas revistas, TV ou mesmo em suas colegas de classe, estão dentro dos padrões eurocêtricos nos quais, por ser uma garota racializada, ela não participa. Por conseguinte, Ruby nota que a imagem é um dos fatores que moldam o tratamento que recebe na sociedade e, então, começa a odiar o seu corpo e a imagem que vê refletida no espelho, como se fosse culpada pelas agressões que sofria por não ser branca.

Bell hooks (1981) aponta para como as representações negativas das mulheres negras na indústria cultural destroem a auto confiança das meninas negras, que estão formando suas identidades a partir desses estereótipos criados. Além disso, as figuras das mulheres negras sempre são antagônicas às mulheres brancas idealizadas, vistas como belas, puras, recatadas e frágeis. Dessa forma, crianças negras, assim como Ruby e Grace, são induzidas a não enxergarem beleza em seus próprios traços, capacidades e características. Somado a isso, são

estimuladas a acreditarem que beleza está intrinsecamente relacionada à branquitude. Quando Ruby se encontra fragilizada pela exclusão no ambiente escolar, passa a ser alvo da sedução de Dóris, uma entidade que pode ser entendida como a representação da Colonialidade do ser, é a figura que a seduz de maneira sutil e sempre a induz a desejar se encaixar nos padrões coloniais para enfim ser aceita. O espírito que se materializa na figura de uma “amiga branca”, a única pessoa que conversa com Ruby na escola, e aos poucos a leva a crer que o embranquecimento seria, na verdade, uma fase inevitável para o seu amadurecimento, caso quisesse se tornar uma pessoa melhor.

Como descreve Maldonado-Torres (2007) a colonialidade se fortalece através da subalternização contínua dos povos colonizados, esse processo opera por meio da imposição de padrões eurocêntricos de existência, que determinam a superioridade da cultura europeia diante das demais e a determina a como modelo universal a ser seguida. Esses paradigmas, quando se tornam norma, são internalizados pelos sujeitos colonizados e afetam a percepção sobre si mesmos, o que torna suas existências conflituosas entre as normas inalcançáveis criadas para os excluir. Assim como acontece com as filhas dos Emorys, o discurso colonial sempre as fazem questionar os seus posicionamentos no mundo, sua presença dentro da escola, suas posições dentro da própria família, suas capacidades intelectuais, suas aparências físicas e até o valor de suas vidas.

Ao longo dos episódios Ruby entra cada vez mais na busca delirante por negar sua própria identidade, e conseqüentemente se distancia cada vez mais de tudo que a faça voltar a realidade, sua família e de sua capacidade de se defender das violências racistas que ela e sua família sofrem. Ruby acredita conseguir driblar essas opressões estruturais moldando-se aos padrões estabelecidos. Por isso, sua mãe, antes seu exemplo, se tornou motivo de vergonha para ela. Lucky não se envergonha de sua negritude nem tenta escondê-la, resistindo de queixo erguido a todas as inúmeras violências que vivenciou e se reconhecendo como vítima e não como culpada. Na criação das filhas, Lucky buscou educá-las exaltando suas belezas e competência, sendo que o nome escolhido para cada uma das garotas é uma exaltação à importância que representam para a família. O nome Ruby foi escolhido por significar pedra preciosa, e era exatamente isso que a menina representava para a mãe. Contudo, Ruby não consegue enxergar sua importância, pois seu olhar corrompido pelos padrões coloniais de existência, e sua mãe se torna alvo de repulsa por representar a mulher vitimada que a ela não quer se tornar.

No episódio 8, numa tentativa de entrar para o grupo de líderes de torcida da escola, Ruby aparece na audição com o corpo coberto por tinta branca, com a intenção de parecer branca e finalmente se encaixar nos padrões; o ocorrido evidencia uma ligação direta com as “máscaras brancas” citadas por Fanon (2020), que descreve como, nesse processo de violências constantes, o negro passa a enxergar no embranquecimento a única possibilidade para libertar-se do preconceito. No entanto, os outros alunos enxergam esse ocorrido com estranheza e isso vira um espetáculo para todos, Ruby, ao perceber a reação dos colegas, se dá conta de que é impossível para ela alcançar o ideal de branquitude e passa a desacreditar na possibilidade de existir de uma forma plena, já que não vê perspectivas fora dos padrões coloniais impostos. Conforme Fanon (2020) os jovens colonizados criam sua consciência identitária condicionados

aos padrões do colonizador branco, então passam a repelir suas identidades, se distanciando da própria cultura, no entanto, o olhar branco sempre o enxerga através do mascaramento de sua negritude, criando assim uma frustração muito impactante e prejudicial a suas vidas.

Ruby pensou ser possível se desprender do preconceito imposto a ela, uma garota negra, se igualando ao branco, e concretizou sua crença com o ato delirante de se pintar com tinta branca. Entretanto, ela acorda desse delírio quando sua situação se torna espetáculo para os alunos brancos da escola; ela, então, se dá conta que é impossível fugir do olhar preconceituoso sobre sua negritude. Fanon, aponta que enxergar o embranquecimento como a única saída para se desvencilhar do preconceito é na verdade apenas outra estratégia colonial para continuar a oprimir os homens, prendendo-os num ciclo que sempre os coloca no lugar de “não pertencimento”.

Em suma, ao analisar a trajetória que Gracie e Ruby traçam no enredo da série é compreensível que a colonialidade atua de uma maneira muito invasiva na vida dos sujeitos racializados como um processo que se inicia na infância e prossegue em todas as fases da vida destes sujeitos, com o fito de manter ativa a hierarquia racial que é muito benéfica para o funcionamento do sistema colonial vigente em muitos países colonizados na contemporaneidade.

Ademais, a vivência das irmãs Emory impactam no processo de formação identitária de ambas, individualmente, e também fragmentam o núcleo familiar delas. Neste cenário, cada uma delas passa a perceber suas dores como falhas individuais e não problemas estruturais, que ganham força a partir do sofrimento delas. Ao se desvincularem de suas origens, a possibilidade de buscar uma existência de forma plena (Fanon, 2020) se enfraquece exponencialmente, Ruby, fragilizada e com as perspectivas tapadas pela sedução da entidade Doris, passa a ser uma ameaça para própria vida, enquanto Gracie tem suas aspirações minadas em tão pouca idade.

Henry - Experiência do Homem Negro com a Colonialidade

Historicamente, os homens racializados foram posicionados à margem da sociedade desde o período colonial, quando começou-se a usar o critério fenotípico de hierarquização e legitimação para a exploração de mão de obra (Quijano, 2000). Nesse sentido, na trajetória do personagem Henry, esposo de Lucky e pai de Gracie e Ruby, os aspectos de subalternização são evidenciados à medida que ele precisa assumir diferentes papéis sociais para ser reconhecido dentro da estrutura patriarcal, que ao mesmo tempo, o exclui. Enquanto tenta se estabelecer como membro da sociedade, na qual o papel do gênero masculino é preestabelecido, seja no casamento, na paternidade, no trabalho, nas relações sociais e na sua percepção sobre si mesmo, Henry confronta sua impotência diante das imposições coloniais que naturaliza a inferiorização dos corpos negros e impõe padrões de masculinidades forjados pela branquitude.

Lugones (2008) adverte que a colonialidade de gênero articula raça, sexo e classe social de modo que as estruturas de dominação se perpetuam através da fragmentação dos sujeitos. Assim, mesmo sendo vítima dessas violências estruturais, o sujeito pode simultaneamente ser instrumento para a ideologia colonial. Essa relação conflituosa, entre ser vítima da opressão e

reproduzi-la, é um dos pontos chave para compreender a construção da identidade de Henry. As agressões causadas pelo preconceito racial foram marcadores determinantes para a formação de sua subjetividade, pois, inserido numa cultura que incentiva o racismo, Henry e sua família experienciam diversas violências seja de forma explícita ou velada, sustentadas por leis e práticas sociais que estimulam a crença na segregação racial.

Diante das opressões, Henry moldou sua personalidade e seus comportamentos, o que resulta, em alguns momentos, na reprodução de violências estruturais, que ele também é vítima. Como adverte Fanon (2020) os homens negros colonizados para alienarem-se à lógica colonial, acabam por suprimir sua subjetividade e reproduzir compulsoriamente os padrões de comportamentos impostos na sociedade racista e colonizada, assim como os fazem agir o mito da igualdade e a democracia racial (Sá & Magalhães, 2022, p. 25). No quarto episódio da série, essa realidade é ilustrada, são mostradas algumas cenas em flashbacks da época em que Henry retornou da Segunda Guerra Mundial. Como veterano de guerra, ele tateou a realidade do racismo, enquanto seu próprio corpo era utilizado para testes de armas químicas, mesmo em um contexto em que estava lutando pela pátria. No exército, soldados brancos eram separados dos homens racializados, os homens negros eram submetidos a serem cobaias dos experimentos de fabricação das armas químicas criadas para atacar o inimigo, tratados como corpos descartáveis. Henry encara a realidade cruel de nunca ser percebido como cidadão pleno, por mais que se esforce para ser reconhecido como tal, isso evidencia a contradição da colonialidade do ser (Maldonado-Torres, 2007), e como descreve Fanon os homens colonizados se alienam à lógica colonial, mesmo que esse processo conserve a lógica que o oprime.

É notável que diante desta situação, os impactos da opressão não caem somente para o oprimido e sim para todos que são de sua convivência, principalmente na dinâmica familiar, por exemplo, as armas químicas que foram usadas na guerra possuíam um cheiro doce, parecidos com os das tortas de maçã que sua mulher costumava preparar. Esse aroma representava um símbolo de cuidado familiar, mas foi corrompido e passou a ser gatilho para as lembranças dos traumas. Então, Lucky parou de preparar a receita como forma de cuidado, para que assim ele se esquecesse da época traumática, conseguisse se recuperar e reconstruir sua identidade. Durante esse processo, tanto a figura materna da família Emory, quanto as filhas, passam a ter uma sobrecarga emocional que, em um contexto no qual o pai não tivesse enfrentado esses desafios, não teriam de carregar. No entanto, quando Lucky passou por dificuldades e teve sua integridade mental questionada, Henry não prestou o mesmo suporte. Ele agiu de forma opressora, silenciando as dores da mulher, seguindo a estrutura patriarcal que o domina. Mais adiante, Lucky prepara a torta de maçã novamente, obrigando-o a confrontar a própria negação. O aroma doce desperta nele uma reação física de repulsa, mesmo assim, Henry comeu toda a torta, chorando, sem nenhuma vontade, com movimentos automáticos e involuntários. Uma representação simbólica do que Fanon (2020) descreve como alienação do homem negro colonizado, que ao seguir a lógica colonial negligencia sua própria subjetividade, agindo de forma mecânica de acordo com os padrões impostos.

O demônio que o persegue na série, conhecido como “O Dançarino de Tap”⁷, vestido com trajes típicos da dança, chapéu, gravata e outros acessórios, ele é uma reprodução do estereótipo que a branquitude criou para o homem negro: uma figura violenta, ameaçadora e irracional. Parte deste estereótipo é proveniente da imagem de Jim Crow, personagem criado no século XIX que zombava de forma depreciativa e caricatural, com a utilização do *blackface* e um figurino propositalmente sujo, sobre a representação de pessoas afro-americanas na visão branca, esta mesma figura de séculos passados inspira o Dançarino da série. Durante toda a narrativa, enquanto Henry tenta se provar socialmente, a entidade o acompanha e o lembra de que, dentro da estrutura colonial, as expectativas sobre o homem negro são sempre repressivas. Por mais que tente se desvencilhar, ele é sempre empurrado para o estereótipo do “negro violento” que foi criado e reafirmado pelo sistema (bell hooks, 1981). Em alguns momentos, sua própria entidade o incentiva que ele rebele-se e vingue-se de seu chefe no trabalho e de agentes policiais, apenas para que o que a sociedade espera sobre a conduta dele, se concretize a fim de incriminá-lo. O demônio, portanto, representa a internalização das violências coloniais que Henry tenta ignorar, mas ainda assim molda a sua percepção sobre si mesmo. Assim, evidencia-se que o personagem internalizou as violências, mesmo que não concordasse com elas, o que remete à fragmentação dos sujeitos, a qual é decorrência direta da colonialidade (Maldonado-Torres 2007).

Considerações Finais

Apesar de conter traços de terror ficcional, e ser caracterizada como uma série comercial, “Them” aborda questões que vão além do mero entretenimento, pois elas se reproduzem no cotidiano de diversas pessoas, por meio de violências estruturais, como o racismo e o sexismo, herdadas do período colonial. Com o arcabouço teórico-analítico desta análise, foi possível ilustrar as vivências enfrentadas e praticadas pelas personagens, que apesar de fictícias, denunciam uma realidade “histórica” que deixa resquícios até a atualidade.

Por meio da reprodução da opressão, a negação da humanidade, a invalidação do saber e o silenciamento das vozes subalternas, é notável que as personagens da série não são apenas vítimas, são espelhos que refletem como as engrenagens do racismo e da colonialidade operam de forma interdependente, e nessa situação, mesmo aqueles que desumanizam os outros passam pelo processo de desumanização (Freire, 1987).

A análise foi dividida em 4 seções que abordam as experiências das principais personagens do enredo. Em suma, elas revelam a maneira profunda como o ciclo da violência colonial opera, seja em sujeitos racializados ou não, migrantes ou não, e assim por diante. Estes ciclos de opressão são impulsionados pela colonialidade do poder (Quijano, 2000) o que faz com que as violências sejam normalizadas, como no caso de Henry, que acaba por reproduzir o silenciamento das dores de Lucky devido à estrutura patriarcal que o domina, ou o de Ruby que negligência sua própria identidade e origens em busca do embranquecimento.

⁷ Tap é uma dança africana que utiliza a musicalidade do sapateado como instrumento musical.

Portanto, com este artigo visamos elucidar as estruturas de opressão colonial, que estão fincadas na sociedade, e assim mostrar que por meio de uma série de streaming, ou seja um objeto cultural, é possível promover discussões, análises e críticas que evidenciam o potencial didático que a arte pode representar. Com a luta coletiva constante, que pode se dar em pequenas etapas, como é ilustrado no final da própria série, em que as personagens confrontam seus próprios demônios internos e assim podem se enxergar como indivíduos plenos, podemos construir um futuro em que as pessoas sejam vistas, em sua plenitude, como são e não mais divididas em categorias hierárquicas (Lugones, 2011) que as subalternizam.

Referências

- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Editora Schwarcz; Companhia das Letras.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida para falar da hospitalidade*, (A. Romane, Trad., & P. Ottoni, Rev. Téc.). Editora Escuta.
- Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra*, (J. L. de Melo, Trad.). Civilização Brasileira.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*, (S. S. Nascimento, Trad.). Ubu Editora.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*, (17. ed., vol. 21). Paz e Terra.
- hooks, b. (2014). *Ain't I a woman*, Plataforma Gueto. (Obra original publicada em 1981).
- Lugones, M. (2008). Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, 9, 73-101.
- Lugones, M. (2011). Hacia un feminismo descolonial. *La manzana de la discordia*, 6(2), 105-119.
- Maldonado-Torres, N. (2007). A topologia do ser. Em B. S. Santos & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologia do sul*, (pp. 337-382). Almedina.
- Little Marvin.(2021). *Them*, (Série de televisão; terror). Amazon Studios.
- Quijano, A. (2019). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América latina. *Espacio Aberto*, 28(1), 255-301.
- Sá, R. L. (2023). Dall'Etica della cura all'Ospitalità incondizionata: Per una filosofia della migrazione. *Pedagogia più Didattica*, 9(1), 4–21. <https://doi.org/10.14605/PD912301>
- Sá, R. L., & Magalhães, H. V. (2022). Rizoma e racismo: Por um ensaio. *Revista Letra Magna*, 18(30), 22-33. <https://doi.org/10.47734/lm.v18i29.2052>
- Santana, T. S. R. (2025, julho 10). *Racismo e colonialidade em “Them”: Uma análise crítica* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/p0DtGby9mLQ>
- Silva, A. F., & Procópio, C. E. P. (2019). Colonialidades do crer, do saber e do sentir: apontamentos para um debate epistemológico a partir do Sul e com o Sul. *Revista de Ciências Sociais*, 50(2), 15-30.